

ENTRE TROPEÇOS E JOGOS DE LINGUAGEM: O VOO EM BUSCA DO MEU “EU PASSARINHO”

AMONG STUMPS AND LANGUAGE GAMES: THE FLIGHT IN SEARCH OF MY “BIRD SELF”

Fernando Freitas dos Santos¹
Wagner Corsino Enedino²

Data de recebimento do texto: 15/03/2024

Data de aceite: 12/04/2024

Resumo: Neste estudo, impulsionado pelo primeiro poema do livro *Exercícios de Ser Criança* (2010), de Manoel de Barros, é apresentada uma trajetória que entrelaça os desafios da (re)existência aos jogos de linguagem. Nessa jornada poética, pensadores como Walter Benjamin (1985a, 2002), Ludwig Wittgenstein (1994, 1999), Alfredo Bosi (1977), Maurice Merleau-Ponty (2007), Jean-Paul Sartre (2014) e Marc Augé (2001) constituem-se como referências relevantes que contribuem para traçar a rota do voo em busca da reflexão sobre a linguagem, a poesia e o pertencimento de mundo. Suas ideias servem como bússolas que direcionam o percurso e, nesse encontro entre palavras, ser e existir, por meio da abordagem metodológica da autoetnografia, revela-se o poder transformador da linguagem e da poesia. Esse processo desperta a inspiração para alçar voos na complexa tessitura da vida em direção à essência de ser passarinho.

Palavras-Chave: Literatura brasileira contemporânea. Poesia. Manoel de Barros. Jogos de Linguagem.

Abstract: In this study, driven by the first poem in the book *Exercícios de Ser Criança* (2010) by Manoel de Barros, a journey is presented that intertwines the challenges of (re)existence with language games. In this poetic journey, thinkers such as Walter Benjamin (1985a, 2002), Ludwig Wittgenstein (1994, 1999), Alfredo Bosi (1977), Maurice Merleau-Ponty (2007) and Marc Augé (2001) are important references that they contribute to trace the flight route in search of reflection on language, poetry and the essence of being/being in the world. Their ideas serve as compasses that guide the journey, and in this encounter between words, being, and existence, through the methodological approach of autoethnography, the transformative power of language and poetry is revealed. This process awakens inspiration to take flight in the intricate fabric of life toward the essence of being like a bird.

Keywords: Contemporary brazilian literature. Poetry. Manoel de Barros. Language Game.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGEL) e Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: nandofreitascg@gmail.com

² Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutorado em Letras pela UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto e Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: wagner_corsino@hotmail.com

1. Como tropeçar em passarinhos?

Certa vez, em um dos meus encontros com Manoel de Barros, mais precisamente no primeiro poema do livro *Exercícios de ser criança* (2010), deparei-me com uma situação intrigante que deixou um pai desconcertado. A pergunta de seu filho, a respeito da possibilidade de um avião tropeçar em um passarinho triste, fez que a estrutura lógica e racional do pensamento humano fosse ampliada ao espaço dos “despropósitos”. Penso que se o pai do garoto fosse o filósofo Ludwig Wittgenstein, balizado por seu *Tractatus Logico-Philosophicus* (1994), seguramente a pergunta seria considerada estúpida. Afinal de contas, passarinhos são pequenos demais para interferir no voo de um avião. Presumo, ainda, que a palavra “despropósitos” sequer fosse contemplada em algum verbete de seu dicionário. Assustei-me com a inflexibilidade do jovem filósofo austríaco que, logo no prefácio de seu tratado, assevera que “[...] a verdade dos pensamentos aqui comunicados parece-me intocável e definitiva. Portanto, é minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 133). Em síntese, na primeira fase dos estudos de Ludwig Wittgenstein (1994), é defendida a tese de que a linguagem tem a função de representar e de designar as coisas do mundo material e, portanto, é preciso calar-se frente aos aspectos incapazes de serem explicados pelo viés lógico-racional. Assim, o estudioso considera ter solucionado os problemas concernentes à natureza da linguagem e, diante do embaraçoso questionamento da criança a respeito da possibilidade de um avião tropeçar em um passarinho, com base no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1994), seu pai teria de silenciá-la.

Ocorre, todavia, que o pai permitiu ser atravessado por tal questão e não calou o seu filho. Provavelmente, Ludwig Wittgenstein, tempos depois de seu *Tractatus Logico-Philosophicus* (1994), ao dedicar-se ao ofício de professor de crianças em fase de ensino primário, concordaria com o pai do garoto. O filósofo austríaco, em seu novo trabalho intitulado *Investigações filosóficas* (1999), apresenta duras críticas às ideias traçadas em sua primeira tese, cuja defesa parte da objetividade da linguagem como divisor de águas no processo de resolução de questões filosóficas. Em seu novo estudo, o estudioso, explica que: “[...] pareceu-me dever publicar juntos aqueles velhos pensamentos e os novos, pois estes apenas poderiam ser verdadeiramente compreendidos por sua oposição ao meu velho modo de pensar, tendo-o como pano de fundo” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 26). Nota-se o reconhecimento do filósofo acerca de seu tropeço. Destaco que a noção de “tropeço” aqui

colocada ancora-se em uma via dialética e não diz respeito ao campo dicotômico que reduz a reflexão apenas ao juízo de valor bom ou ruim. O *Tractatus* (1994) foi um tropeço por não dar conta de abarcar as necessidades da linguagem e, tal tropeço, serviu de referência para explicar que ao invés de uma lógica fechada e determinada, a linguagem apoia-se no campo do jogo. O tropeço possibilitou que o estudo de *Investigações filosóficas* (1999), atualmente, reconheça a força dos passarinhos e que a palavra “despropósitos” seja também considerada no dicionário de Ludwig Wittgenstein.

Pensar na força do passarinho capaz de fazer um avião tropeçar em sua estrutura, a partir das provocações apontadas na segunda fase dos estudos de Wittgenstein (1999), é perceber um jogo de atribuição de sentidos, cuja lógica racional opera de forma secundária em meio a um campo de abstração e de imaginação. Ou seja, é compreender que a linguagem não pode ser entendida como retrato lógico da realidade e que a representação de um objeto diz respeito a um jogo que permeia a linguagem levando em consideração seu uso social e as diferentes formas de ser e de se colocar no mundo. Tal cenário possibilita que um avião tropece em um passarinho, pois contrário a uma tradição filosófica de que “[...] palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 27), o filósofo austríaco pondera não ser possível restringir todas as palavras a nomes. O sentido de um avião tropeçar em um passarinho rompe as fronteiras da razão e coaduna-se com a subjetividade em um processo relacional de leitura e de compreensão de mundo.

Logo, a criança de imaginação fértil, provocada pela possibilidade de um passarinho interferir no voo de um avião, é fruto da subjetividade de um “eu-lírico” que propõe um jogo de linguagem e uma mirada filosófica para olhar ao seu redor para além da capacidade física e biológica do homem. O poeta a que me refiro tem em seu registro o nome de Manoel Wenceslau Leite de Barros e, popularmente, é chamado de Manoel de Barros. Para o artista, “[...] o olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (BARROS, 2010, p. 350). O olhar, neste caso, está diretamente ligado a questões perceptivas e subjetivas. É um convite de exercício criativo que, por meio do jogo de linguagem, apresenta a possibilidade de converter o real em objeto fictício. Não que o ficcional remeta ao universo que não corresponde ao efeito de “verdade”. Ao contrário disso, a territorialidade ficcional permite a tangibilidade que as palavras em seu sentido literal, assim como no campo físico e real, não são capazes de atingir.

Destarte, retorno à provocação presente no subtítulo deste estudo: como tropeçar em passarinhos? Para Manoel de Barros (2010), basta adentrar no universo infantil e permitir-se ao exercício de ser criança. Geralmente, a forma *infante* de pertencimento de mundo é permeada por um olhar aguçado e curioso que, em busca de descobertas, oportuniza um estado potencial de jogo. Dentro dessa perspectiva, Jean-Paul Sartre (2014), à luz da filosofia existencialista que se desenvolveu no século XX, destaca a liberdade como uma característica intrínseca à condição humana. O filósofo, em sua obra *O Existencialismo é um humanismo* (2014), defende que: “Se, com efeito, a existência precede a essência, nunca se poderá recorrer a uma natureza humana dada definida para explicar alguma coisa; dizendo de outro modo, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade” (SARTRE, 2014, p. 24). Essa proposição implica que, ao contrário de uma visão determinista que sugere uma natureza humana predefinida, o existencialismo defende que os indivíduos são livres para construir sua própria essência por meio de escolhas e ações. Dialogando com o modo infantil, podemos relacionar essa ideia à experiência da criança ao dar os primeiros passos no mundo. Assim como Jean-Paul Sartre (2014) destaca a liberdade como uma característica intrínseca à condição humana, podemos considerar que a criança, ao iniciar sua jornada de descoberta, está essencialmente livre de determinismos preexistentes. Seu modo *infante* de interagir com o mundo reflete a pureza da existência não condicionada, pois, nesse estágio inicial, ainda não foi moldada por influências externas de forma significativa. Ao vivenciar a liberdade de explorar, questionar e criar, a criança manifesta, de certa forma, a mesma liberdade que o filósofo francês enfatiza em sua filosofia existencialista. Sua essência não é predefinida, mas está em constante formação à medida que ela interage autenticamente com o ambiente ao seu redor.

Importa destacar, na esteira das reflexões da crítica e teórica Marisa Lajolo (2001, p. 229), que:

A infância é sempre *um outro* em relação àquele que a nomeia e a estuda. As palavras *infante*, *infância* e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, recobrem um campo semântico estreitamente ligado à idéia de *ausência de fala*. Esta noção de *infância* como qualidade ou estado do infante, isto é, *d'aquela que não fala*, constrói-se a partir dos prefixos e radicais linguísticos que compõem a palavra: *in* = prefixo que indica negação; *fante* = participípio presente do verbo latino *fari*, que significa falar, dizer.

Estar em jogo é abrir-se às inúmeras possibilidades perceptivas e criativas. É supor que o tropeço em um passarinho só ocorreu pelo fato dele estar triste e, por este motivo, não alçou grandes voos a ponto de ser obstáculo a um avião. É ter a possibilidade de pensar o estado de tristeza como limitador da liberdade. No projeto estético manuelino, a criança fala, tem voz, representa a si e não pela voz do outro.

Nesse segmento, pensar sobre tropeços em passarinhos é legitimar o jogo de linguagem, pois, segundo Ludwig Wittgenstein (1999, p.129), “[...] todo signo sozinho parece morto. O que lhe dá vida? – No uso, ele vive”. Ou seja, tropeçar em passarinhos pelo viés da linguagem poética é possibilitar o deslocamento do voo que atinge uma dimensão capaz de extrapolar a lógica racional e de promover uma íntima relação do sujeito com sua forma de se relacionar com a geografia que pertence. A linguagem torna-se condutora e oportuniza a interação com o lugar em que habito e em que me percebo no mundo. O jogo de linguagem, portanto, pode ser entendido como sopro de vida e, por meio dele, é possível tropeçar em passarinhos.

2. Título sem título: a essência poética para além das palavras

Por diversas vezes fiquei sem palavras. Emudecido em diferentes situações, já fui rendido pela presença do que não se consegue nomear. A lacuna do “não-dito” provoca em meu território um olhar curioso e instigador. Talvez essa seja a razão para agora estar aqui, em busca das melhores palavras para tecer uma narrativa movida por uma guisa poética que não coube nomear. Por quê não ter título? Essa foi a provocação que reverberou em mim quando me deparei com o primeiro poema de *Exercícios de Ser Criança* (2010), escrito por Manoel de Barros. A ausência do título me colocou em exercício, após a leitura do poema, para batizá-lo com diferentes nomes. No entanto, todos foram pequenos dentro do meu repertório de palavras e perante a grandiosidade que é falar sobre a existência.

O poema em questão está posto como uma espécie de prólogo metapoético, e, em tensão entre os universos infantil e adulto, coloca em evidência o papel da poesia: “No aeroporto o menino perguntou: / - E se o avião tropical num passarinho? / O pai ficou torto e não respondeu” (BARROS, 2010, p. 469). O pai, frente à indagação do filho, quiçá tola e sem lógica para o universo adulto, fica sem resposta. Importante, aqui, ressaltar a instância do silêncio como forma de percepção de mundo.

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, em sua obra *O Visível e o Invisível* (2007), explica que assim como há uma dimensão invisível na percepção, também existe uma dimensão silenciosa na comunicação. O silêncio, neste caso, não diz respeito apenas à ausência de som, mas reflete a presença de uma função significativa na experiência perceptiva. Por isso, para o filósofo francês, o silêncio pode ser considerado como um elemento que complementa o discurso e possibilita uma abertura para a reflexão e a abstração. Se considerar, a fórceps, que “[...] o silêncio foi relegado a uma posição secundária como excrescência, como o ‘resto’ da linguagem” (ORLANDI, 2007, p. 12), Manoel de Barros, em sentido oposto, eleva-o a uma alta prateleira, envolvendo a um exercício artístico incomensurável, elegendo-o a um considerável grau de relevância; pois “[...] na literatura em geral, o silêncio é fundamental” (ORLANDI, 2007, p. 41). A escolha pelo silêncio pode revelar nuances, ambiguidades e significados ocultos que são difíceis de expressar por meio das palavras, uma vez que “[...] o sentido do silêncio não é algo juntado, sobreposto pela intenção do locutor: há um sentido no silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 12). Assim como o invisível, o silêncio pode atuar como via para acessar a complexidade do existir.

Nota-se que o poeta Manoel de Barros (2010) deixa claro que, além do silêncio, o pai ficou “torto” frente à interrogação de seu filho. Penso a respeito da situação de ficar torto e me deparo com a imagem do bambu, bastante conhecido por sua notável flexibilidade e resistência. Mesmo diante dos ventos mais fortes, não se curva, e dificilmente se quebra. O pai, apresentado no poema de Manoel de Barros (2010), remete-me a um indivíduo flexível que, em vez de quebrar-se por conta de uma rígida forma de ser, assume uma postura mais aberta diante da vida, reconhecendo a imprevisibilidade da existência e suas constantes transformações. Entortar-se é uma maneira de se libertar das amarras do convencionalismo e de se reinventar frente à complexidade do existir. Ao entortar-se, possivelmente, o pai do garoto permitiu ser atravessado pelo olhar de seu filho. Nesse sentido, o teórico Maurice Merleau-Ponty (2007) afirma que:

O olhar do outro – e é nisso que ele me traz algo de novo – envolve-me por inteiro, ser e nada. Isso é o que, na relação com outro, não depende de nenhuma possibilidade interior, o que obriga a dizer que ela é um fato puro. [...] É preciso, pois, que alguma coisa no olhar do outro o assinale para mim como olhar de outro, sem que o sentido do olhar do outro se esgote na queimadura que deixa no meu corpo olhado por ele. É preciso que alguma coisa me ensine que estou

inteiramente enredado, ser e nada, nessa percepção que toma posse de mim e que o outro me perceba alma e corpo (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 77).

O olhar do filho, extrapola o corpo de seu pai e atinge a sua alma a ponto de deixá-lo torto. Nesse sentido, a citação acima de Merleau-Ponty (2007) revela a relevância da experiência do olhar do outro na constituição da nossa própria subjetividade. O olhar do outro não pode ser reduzido apenas a uma sensação física, como uma queimadura na pele. Para além disso, a mirada do outro sobre nós pode ser capaz de deixar marcas e impressões que afetam o nosso campo emocional e sensível. O filósofo francês também sublinha a pertinência de se reconhecer que o olhar do outro não deve se limitar apenas à sua influência sobre nós. É necessário que haja algo no olhar do outro que nos indique sua própria individualidade, sua alteridade e sua condição de ser no mundo. Ou seja, o olhar do outro não deve ser apenas um reflexo de nós mesmos, mas deve carregar consigo a marca de sua própria subjetividade.

Em um horizonte estritamente racional e lógico, cuja instância poética e sensível torna-se difícil de ser acessada, o fato de um avião tropeçar em passarinho pode nos deixar sem palavras. No campo da alteridade, em que o olhar do outro é capaz de provocar atravessamentos, o sujeito encontra no silêncio o lugar de que necessita para refletir sobre as possibilidades de ser no mundo. A mãe não responde à pergunta de seu filho, mas pensa profundamente a respeito: “Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia? / Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?” (BARROS, 2010, p. 469). De igual modo, o pai tampouco apresenta uma resposta ao garoto, mas reflete: “Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças” (BARROS, 2010, p. 469). Entre pensamento e reflexão, o silêncio torna-se uma presença marcante. Ele provoca um mergulho interior onde o ruído exterior quase não se ouve. Silenciar-se, no poema em questão, resultou em um íntimo momento de reflexão colocando em evidência a importância dos absurdos, dos despropósitos e da poesia. Acredito que isto seja, para Manoel de Barros, entortar-se.

De forma a legitimar uma mirada torta, o pai do garoto, no poema de Manoel de Barros (2010), percebeu a sutileza no olhar de seu filho. Ao considerar as crianças como referência para a compreensão da liberdade e da poesia, o desfecho do poema expõe a admiração e a importância do ser/estar no mundo de forma mais criativa e autêntica. A essência da poesia é colocada em questão e, nesse sentido, o crítico e teórico Alfredo Bosi

(1977) discorre acerca de sua potência de afetação. Afirma que todo pensamento já é um signo. Não obstante, quando o signo se materializa no poema, ganha novos contornos de modo a ir além da noção de mera representação da realidade circundante. O crítico afirma ainda que a poesia não pode ser entendida meramente como linguagem, mas como uma ação criadora de uma compreensão totalizante e orgânica do ato poético. O estudioso faz alusão à figura da criança para explicar a natureza da poesia como expressão criativa e criadora. Em seu entendimento, “[...] o trabalho mais sublime da poesia é dar senso e paixão às coisas sem sentido, e é próprio das crianças tomar coisas inanimadas entre as mãos e, brincando, falar-lhes como se fossem pessoas vivas” (BOSI, 1997, p. 205). Assim, a poesia é vista pelo teórico brasileiro como um meio de resgatar a essência lúdica e imaginativa da infância, permitindo olhar para o mundo de forma mais sensível. Do mesmo modo que objetos inanimados ganham vida nas mãos das crianças, a poesia pode nos convidar a olhar para além da aparência superficial das coisas a fim de atribuir sentido a situações cotidianas aparentemente insignificantes. Pensar a poesia é relacioná-la a um processo subjetivo. A poesia atua como linguagem e mecanismo de pertencimento e experimentação do mundo. Por meio da linguagem poética, é possível explorar nossa sensibilidade e nos conectar com o mundo de forma mais profunda, revelando a complexidade que se esconde nas entrelinhas da existência.

Alfredo Bosi (1977) faz, ainda, algumas provocações a respeito da busca de se ver o mundo com uma certa ingenuidade infantil:

Um homem não pode voltar a ser criança, sob pena de cair na puerilidade. Mas não é verdade que acha prazer na inocência da criança e, tendo alcançado um nível superior, não deve aspirar ele próprio a imitar aquela verdade? Em todas as épocas não se julga ver repetido o próprio caráter na verdade natural do temperamento infantil? Por que então a infância histórica da humanidade, naquilo precisamente em que atingiu o seu mais belo florescimento, por que esse estágio de desenvolvimento para sempre perdido não há de exercer um eterno encanto? (BOSI, 1977, p. 156).

O encanto pela infância é uma característica marcante nos escritos de Manoel de Barros, especialmente em *Exercícios de Ser Criança* (2010). Quando me deparo com o primeiro poema do livro, atendendo à provocação do título da obra, não busco retornar à exata compreensão das coisas que um dia eu tive na infância. Afinal de contas, assim como afirma Alfredo Bosi (1977), seria imaturo e pueril demais da minha parte. Mas, com a mesma curiosidade em processo de experimentação do mundo, eu me exercito a olhar e a

refletir, de maneira mais presente e autêntica, sobre as coisas que atravessam o meu caminho ou que muitas vezes ali estão e tenho dificuldade de perceber-las. Acredito que exercitar-se criança é experimentar caminhos tortos.

O torto, por muito tempo, foi uma palavra que reverberou em mim por um viés negativo. Talvez seja porque desde pequeno ouvia de minha mãe que não deveria andar por caminhos tortos. O torto, por ela, sempre foi reprovado. Eu cresci ouvindo que precisaria ser um homem direito e que não deveria fazer escolhas tortas. Fui ensinado que o torto deve ser evitado. No entanto, por diversas vezes, tive dificuldade de me encaixar no molde de ser direito. Com Manoel de Barros (2010) entendi que ser torto é ser afeito aos despropósitos. Logo, a palavra torto foi ampliada em meu repertório de sentidos. A latência do torto sempre ressoou em meu íntimo com mais força. O caminho torto sempre me pareceu mais convidativo. Enquanto meus pais projetavam a minha carreira profissional para a área do Direito, eu só visualizava o torto e amplo percurso que o Teatro poderia me proporcionar. Mais do que querer estudar as leis, a minha latência para o torto me empurrava a criá-las em um universo de jogo e de ficção. Aos poucos, e às custas de grandes dores, precisei criar rachaduras no horizonte de expectativas de meus pais, a fim de quebrar algumas barreiras e abrir caminho para que me fosse possível acessar o torto.

Por isso, colocar-se em exercício para ser criança é trilhar por caminhos tortos e, permitindo-se a neologismos, explorar diferentes linhas de voos. “Tropicar” em passarinhos é brincar com as palavras de modo a se experimentar no mundo. Assim como a criança, na maioria das vezes, em processo de aprender a falar, lança-se no universo da linguagem sem medo de errar, é com o neologismo “tropicar” que Manoel de Barros (2010) também se coloca em exercício de ser criança e desafia os padrões de linguagem como o pássaro livre voa sem limites. Para muitos, “tropicar” pode ser considerado um tropeço linguístico, creio que para Manoel de Barros seja uma via de experimentação do mundo.

Interesso-me, ainda, em refletir sobre a relação entre passarinho e avião. Que força é essa que faz do passarinho uma barreira para um avião? Como uma possível abordagem para explorar essa relação, convido o antropólogo Marc Augé (2001) para me auxiliar nessa linha de argumentação. O conceito de “não-lugar” é abordado pelo teórico francês referindo-se a espaços de passagem e de circulação, tais como aeroportos e meios transportes, caracterizados pela falta de pertencimento pela maioria das pessoas que neles

transitam. De acordo com as palavras do teórico francês, “os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos), quanto os próprios meios de transportes ou grandes centros comerciais” (AUGÉ, 2001, p. 36).

O avião, como um meio de transporte, é geralmente um local transitório e, via de regra, as pessoas não estabelecem conexões significativas com a aeronave em si, a menos que sejam funcionários ou frequentadores assíduos. Como resultado, muitas pessoas que utilizam o avião como meio de transporte experimentam uma sensação de não pertencimento. Nesse sentido, ao refletir sobre o avião como símbolo de transitoriedade e efemeridade, percebo um contraste em relação à busca por uma conexão autêntica e profunda com o mundo e a natureza, representada pela presença do passarinho. O avião, que corta o ar com pressa e velocidade, não possui a mesma força do passarinho que, com suas asas, abraça a natureza por inteiro. A imponência e potência do avião diminuem diante da essência do passarinho, que compreende que voar é mais do que simplesmente deslocar-se pelo espaço. É uma conexão com a vida, um pulsar, um respirar. Por maior que seja o avião, ele se torna pequeno frente ao voo do passarinho, cuja essência poética talvez ultrapassasse o alcance das palavras de Manoel de Barros (2010) e, por esse motivo, o artista optou por não intitular.

3. Por entre voos, vidros e tropeços: em rota pela territorialidade da experiência

Ao adentrar no universo poético de Manoel de Barros, encontro-me como sujeito-artista-pesquisador em um intrigante processo de desnudamento por meio da escrita. Sou provocado por seus despropósitos, cujas criações me incitam a uma exploração profunda do subjetivo. Ao me desnudar por meio da escrita, encontro uma libertação, uma forma de dar voz às complexidades, às feridas e às territorialidades que habitam em mim. Sua poesia, marcada pela celebração das grandezas do ínfimo, convoca-me a abandonar as vestes do convencional e a adentrar os territórios inexplorados da minha própria subjetividade. Nesse sentido, a abordagem de pesquisa autoetnográfica alinha-se à natureza intimista e reflexiva que percorro por meio da poesia de Manoel de Barros.

A estudiosa Sylvie Fortin (2009, p.83) explica que: “A auto-etnografia [...] se caracteriza por uma escrita do ‘eu’ que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as

dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (FORTIN, 2009, p. 83). Essa abordagem permite que eu não apenas observe, mas participe ativamente da narrativa, mergulhando nas camadas subjetivas da minha própria geografia. Assim como o poeta encontra beleza nas pequenas coisas e nas peculiaridades do cotidiano, a pesquisa autoetnográfica me oferece a oportunidade de explorar e (re)inventar territórios que me causaram dores. Ao adotar essa abordagem, busco não apenas compreender, mas também expressar as complexidades do meu íntimo de maneira autêntica.

As considerações de Sylvie Fortin (2009) se alinham com as análises dos estudiosos Aline Brilhante e Claudio Moreira (2016), os quais destacam que a autoetnografia estabelece uma ponte entre o pensar e o sentir, costurando a relação entre o objetivo e o subjetivo. Nesse contexto, a abordagem autoetnográfica confere voz ao pesquisador, que não apenas é o autor do texto, mas também se revela como um ser imerso em suas próprias emoções e experiências. Segundo os autores:

A autoetnografia escorrega, evita definições simplistas. É a colisão entre as ciências humanas e as artes, as teorias e as emoções, a “performatividade” – o que acontece agora – e a performance – o que já aconteceu (estudo feito) – é a presença do corpo do(a) pesquisador(a) na linha de frente da pesquisa, no momento da criação (texto ou a performance/apresentação) (BRILHANTE; MOREIRA, 2016, p. 1100)

Por isso, a autoetnografia permite que eu me torne tanto o sujeito quanto o objeto da pesquisa, proporcionando um espaço para a reflexão profunda e a exploração das interconexões entre minha história pessoal e o contexto sociocultural. A pesquisa autoetnográfica, ao incorporar elementos da minha própria vivência, torna-se uma forma de dar voz às experiências muitas vezes silenciadas, capturando a poesia inerente aos detalhes singulares do meu mundo interior, possibilitando que eu adentre em uma rota pela territorialidade da experiência.

Era comum, quando criança, ouvir de meus pais que eu ainda era muito novo para entender as coisas da vida. Eles diziam que, ao chegar na fase adulta, eu lhes daria razão a vários de seus ensinamentos. Eu, ainda criança, adorava brincar de imaginar. A mangueira no quintal de casa era o meu lugar de “despropósitos”. De nave espacial a laboratório de ciências, eu habitava várias geografias e me experimentava no mundo.

Certa vez, a mangueira foi o meu palco de teatro e ao final da apresentação ouvi entusiasmado os aplausos da plateia com quem compartilhei a existência de diversos

personagens. Fiquei tão maravilhado que, à noite, durante o jantar, contei aos meus pais que queria ser artista de teatro. A troca de olhares entre eles foi instantânea. A feição de reprovação, aliada ao sorriso de canto em tom sarcástico de meu pai, veio acompanhada da resposta de minha mãe de que eu não podia sonhar alto para que a minha queda não doesse tanto. Entendi naquele momento que eu precisava voar baixo. Pena que naquela época minha mãe não foi tão terna quanto a mãe do garoto que, na escrita de Manoel de Barros, ao ouvir seu filho questionar o pai a respeito da possibilidade de um avião tropeçar em um passarinho, refletiu sobre os absurdos e os “despropósitos” do olhar infantil.

De absurdos a “despropósitos”, a mãe do garoto não o silenciou. Ao contrário disso, a provocação da criança ressoou em seu íntimo a ponto de levantar questões sobre as formas de percepção de mundo. Talvez, se assim não o tivesse feito e, então, silenciado o seu filho reprovando sua maneira de questionar a existência, teríamos mais um, dentre tantos sujeitos, com pobreza de experiência. É possível notar no ensaio do filósofo Walter Benjamin, intitulado *Experiência e Pobreza* (1985a), que a guerra no período de 1914 a 1918 causou o efeito de emudecer os sujeitos impossibilitando-os de narrar. Segundo o estudioso, “[...] na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (BENJAMIN, 1985a, p. 115). Sublinha-se que o trauma da guerra sequele os sujeitos a ponto de silenciar-los, talvez até mesmo como um mecanismo de defesa para esquecer as terríveis experiências que lá viveram.

Embora eu não tenha passado pela experiência da guerra de trincheiras, fui abatido na noite do fatídico jantar ao ouvir de minha mãe que eu precisaria voar baixo para que a queda, segundo ela, dada como certa, não me causasse tanta dor. Mal sabia que, por mais alto que eu estivesse, suas palavras doeriam muito mais que qualquer tombo. Silenciei-me. Decidi fechar a janela da imaginação e tranquei as portas que facilitavam o acesso ao meu eu. A mangueira voltou a ser mangueira. Tropeçar em passarinhos? Impossível! Sofri restrição de voar e assentei-me em uma base de vidro. De acordo com Walter Benjamin (1985a, p. 117) “não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio”. O advento tecnológico, aliado ao modo de vida capitalista, fez do vidro um grande protagonista e seu uso tornou-se operante nos projetos arquitetônicos, principalmente nas vitrines de grandes centros comerciais. A condição humana é refletida por Walter Benjamin (1987), a partir da ideia de uma miséria

interior que obriga o sujeito a olhar apenas aos bens materiais. Logo, ao esquecer de si, o sujeito torna-se escravo do capital. Por isso, conjeturo que, de forma inconsciente, a resposta de minha mãe durante o jantar reflete uma preocupação da lógica do capital em relação ao seu filho que, ao escolher o caminho da arte como profissão, teria dificuldade de subsistência e, conseqüentemente, de sobrevivência. E ali, assentado no vidro, por um tempo sobrevivi. Já não mais me reconhecia e tampouco, como antes, era capaz de criar narrativas de “despropósitos”. Conforme aponta Walter Benjamin (1985a, p. 117), “[...] o vidro é em geral o inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade”. O famoso mistério da mangueira, passível de dar lugar a inúmeras territorialidades, já não mais existia. A subjetividade, como propriedade da minha geografia interior, ficou fragilizada e exposta a uma lógica do vidro, cuja sobrevivência ancorava-se em uma corrida que nem mesmo eu sabia exatamente qual era, eu apenas corria.

Eu precisava correr para reter as inúmeras fórmulas de matemática, corria para memorizar as regras gramaticais, corria para consumir o maior número de informações que me fossem possíveis. Corria para deixar meus pais felizes com a minha aprovação em um curso de Direito. Quando assim o consegui, percebi o quão cansado estava. Me senti como o sujeito explanado por Walter Benjamin (1985a) que tudo devora e, quando saciado, sente-se exausto. Minha exaustão resultou, aos dezessete anos de idade, em uma internação hospitalar considerada grave. Minha estrutura de vidro quebrou-se e causou uma úlcera hemorrágica em meu corpo. Intervenções cirúrgicas, medicações e muitas bolsas de sangue foram necessárias para que eu sobrevivesse. Ao recordar deste difícil momento, ouço uma voz que me ajuda a entender tal fato doloroso: “Vocês estão todos tão cansados – e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples, mas absolutamente grandioso” (BENJAMIN, 1985a, p. 118). O meu plano foi perdido no momento em que já não fui mais capaz de deixar rastros em meu próprio caminho e, em busca de me encontrar, sequer me reconhecia. Fiquei perdido em meu voo e talvez tenha sido obstáculos para muitos aviões. Embora seja possível também considerar a hipótese de que o tropeço de uma aeronave em minha estrutura tenha feito com que minha base de vidro se quebrasse e, a partir de então, pudesse olhar para a pobreza de minha experiência. Isso porque em um momento de quase morte, decidi verdadeiramente viver. Sobreviver já não me era mais o suficiente.

Os longos dias de internação em um quarto de hospital atuou como um despertar para a vida que eu tanto negligenciei pelo medo de não ser aceito e pela constante necessidade de aprovação. O limiar da morte fez que eu olhasse para a minha história e agarrasse com toda força o fio de vida que ainda me restava. Diferentemente do *Angelus Novus* – conhecido como o anjo da história que, descrito na IX tese de Walter Benjamin (1985a), testemunha uma cadeia de eventos históricos e é incapaz de mudar ou intervir nas situações que desmoronam diante de seus olhos, decidi olhar para o meu passado e fazer das minhas dores o impulso necessário para escrever o meu presente de acordo com as minhas expectativas e sonhos. Em busca de um porvir distinto daquele vivenciado pelo anjo de Walter Benjamin, que tem suas asas estendidas e, impelido pelo forte vento do progresso, não pode voar e tampouco escapar das catástrofes que se acumulam a sua frente; entendi que era necessário reconstruir as minhas asas e me nutrir de coragem para voar em rotas de contrafluxo. E assim o fiz: abandonei o curso de Direito e decidi reconstruir o meu eu estilhaçado pela base de vidro que se quebrou depois do tempo que ali permaneci assentado. O sonho de infância de ser artista de teatro, abandonado em um trágico jantar de família, ressurgiu com muito vigor. De forma bastante instintiva fui em busca da experiência (*Erfahrung*) que, de acordo com o ensaio de Walter Benjamin, escrito em 1913, contrapõe-se à noção de vivência (*Erlebnis*). Para o filósofo alemão, o modo de vida e de produção dos sujeitos da modernidade provoca uma perspectiva individualista e de difícil conexão com a história. Nesse lugar, os sujeitos têm apenas vivências (*Erlebnis*) superficiais e fragmentadas. A figura do adulto filisteu contribui para a construção do pensamento benjaminiano acerca da dificuldade de promoção de experiências. Nessa esteira, cumpre destacar que “[...] o filisteu lhe fala daquela experiência cinzenta e prepotente, aconselha o jovem a zombar de si mesmo. Sobretudo porque ‘vivenciar’ sem o espírito é confortável, embora funesto” (BENJAMIN, 2002, p. 24). Era exatamente assim que me sentia antes do vidro estilhaçar em mim. Vivia alheio ao meu espírito. A pedido dos meus pais aderi totalmente aos ditames do modo de produção característico do meu tempo. Assim como para Walter Benjamin (2002), a cultura filisteia servia às condições econômicas e sociais vigentes; lá estava eu a serviço do sonho dos meus pais a partir da visão de mundo que eles construíram. Importante aqui salientar que não quero condenar meus pais enquadrando-os como o adulto filisteu cuja vida cinzenta impossibilita a experiência dos jovens. Olhar para minha história dessa maneira apenas serviria para

pulverizar a minha dor e dificultaria o olhar para o meu eu. A ideia aqui não é imputar a culpa a ninguém, mas reconhecer os tropeços que hoje me fizeram ser quem sou.

Por entre voos, vidros e tropeços, lá estava eu pujante por experiências. E aqui me refiro a noção benjaminiana de pertencimento da existência que coaduna com um modo de compreensão mais profundo de mundo. Aos poucos e dentro das minhas possibilidades juvenis, reabri as portas que davam acesso ao meu “eu”. Entendi que, embora fosse um processo doloroso, precisava deixar as expectativas dos meus pais de lado para escrever a história que me atravessava. Percebi que a territorialidade da experiência pode ser alcançada por meio de aviões que tropeçam em passarinhos, afinal de contas, esse é o exercício que Manoel de Barros propõe em seu universo de “despropósitos”. Quando o pai de um garoto conclui que a liberdade e a poesia devem ser aprendidas com as crianças, percebemos a pulsão de uma escrita poética em recordar a infância, não apenas no sentido cronológico de tempo, mas na dimensão de um pertencimento de vida e de experimentação de mundo tão natural a essa etapa do desenvolvimento humano. Embora a criança, com sua ingenuidade, não tenha a noção dos vários percalços da vida, é preciso cuidado para não a silenciar e, tampouco, limitá-la a criar situações de experiência. O processo de abstração que muitas vezes se perde na vida adulta devido a uma lógica do trabalho e de produção moldadas à estrutura socioeconômica vigente, precisa, também, ser reativado para criar histórias e pertencer ao território de experiência.

Inclusive, esse exercício é bastante feito por Manoel de Barros ao longo de seu trabalho literário. O poeta revive sua infância e traz de volta o espaço geográfico em que cresceu, recriado a partir da memória, como gênese de sua poética. O cenário pantaneiro e o jeito de criança de perceber as coisas a sua volta atuam como substrato da linguagem capaz de simbolizar o mundo pela ótica de aviões que tropeçam em passarinhos. Nesse sentido, tomo nota do pensamento benjaminiano acerca do olhar para o passado. A partir da imagem alegórica de um escavador, o filósofo alemão afirma que:

Quem pretende se aproximar do próprio passado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Os fatos nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assimilar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho (BENJAMIN, 1985a, p. 239).

A escavação, em busca de experiência, requer uma atitude de olhar para o passado como processo de identificação e de reconhecimento do meu eu, ao contrário de um posicionamento saudoso que paralisa a percepção assentada em um tempo que já se foi. Do mesmo modo, revolver o solo demanda um olhar para o futuro, não como forma de idealização excessiva que prejudica o ser/estar no mundo, mas como projeção do meu eu e de territórios possíveis de percorrer. O cerne da escavação está na profusão de tempo em que o passado e o futuro se coadunam no presente. É justamente essa a arqueologia vigente na poética de Manoel de Barros. Olhar para o passado, a partir do presente, como mola propulsora capaz de fazer com que no futuro o sujeito seja capaz de narrar e assenhorar-se de experiências. Para isso, revisitar a infância, como exercício de ser criança, possibilita o brincar como lugar de experimentação: “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.” (BARROS, 2010, p. 276). É possível perceber que a arqueologia literária manoelina exalta o abstrato e o lúdico a fim de extrapolar a lógica do pensamento ordinário. O poeta utiliza e reinventa as palavras com o intuito de provocar a imaginação a ir além do sentido real do objeto. Dessa maneira, a partir da subjetividade e de uma motivação interna do sujeito, é possível atingir uma esfera cognitiva capaz de fazer com que o uso costumeiro de um objeto receba outras funcionalidades. O processo de escavação neste território opera como possibilidade de “desinventar” o mundo promovendo uma fricção entre as tênues linhas da ficção e da realidade. Escavar como exercício de visitar o passado e “desinventá-lo” como oportunidade de experimentação do futuro, do presente e de si.

Agora, em busca de encontrar-me, escavo o solo da minha existência atentando-me à terra que, neste processo de escavação, é lançada para o futuro e possibilita a exploração no tempo presente do meu eu. Desenterro o passado e, utilizando como ferramentas os “despropósitos” de Manoel de Barros, tenho aprendido a ser passarinho. Busco pertencer ao mundo em que vivo voando alto, mas tão alto a ponto de nenhum artefato aerodinâmico ser capaz de tropeçar em meu voo. Mas, se um dia assim ocorrer, buscarei fazer do tropeço uma oportunidade para reconectar-me. Pretendo voar em mim como forma de percorrer o meu “eu”. Em vez de assentar-me em uma estrutura de vidro, entendi que sentir o vento que sopra em minha existência é a oportunidade de sentir a vida. E, assim, por entre voos,

vidros e tropeços, transito pela territorialidade da experiência como nos sensibilizou o poeta Mário Quintana, “Eles passarão... Eu passarinho”.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2001.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa.** São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I:** magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985a.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

BRILHANTE, Aline V. M.; MOREIRA, Claudio. **Formas, fôrmas e fragmentos:** uma exploração performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção de conhecimento acadêmico. Interface (Botucatu), v. 20, p. 1099-1113, 2016.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística.** Revista Cena, n. 7, 2009.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. *In:* FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **História social da infância no Brasil.** 4. ed. São Paulo, Cortez, 2001, p. 225-246.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Trad. Rita Correia Guedes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus.** Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.